



Sensibilização de profissionais de enfermagem sobre a dor em procedimentos de enfermagem em crianças

Matheus Bryan Rebelo | matheus.br10@aluno.ifsc.edu.br¹
Milena Latocheski | milena.l2005@aluno.ifsc.edu.br²
Patrícia de Farias May | patricia.f2004@aluno.ifsc.edu.br³
Priscila de Farias May | priscila.fm2004@aluno.ifsc.edu.br⁴
Vitória Luíza Clemente do Nascimento Ferreira | vitoria.lcn10@aluno.ifsc.edu.br⁵
Patrícia Fernandes Albeirice da Rocha | patricia.albeirice@ifsc.edu.br⁶

Trabalho de Extensão

DT 3 - Educação, Cidadania, Desenvolvimento Social e Práticas Inclusivas

Resumo:

Pacientes pediátricos são frequentemente submetidos a procedimentos invasivos e dolorosos durante hospitalizações e emergências, gerando repercussões emocionais e comportamentais duradouras como medo de agulhas e recusa futura de cuidados em saúde. Nesse contexto, objetivou-se sensibilizar profissionais de enfermagem quanto ao reconhecimento da dor e à redução desta em crianças durante procedimentos, de modo a incentivar as estratégias não farmacológicas no cuidado. Trata-se de uma atividade de extensão do curso de Graduação de Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina, desenvolvida no Hospital Infantil Dr. Jeser Amarante Farias, realizada em três encontros com profissionais de enfermagem de diferentes setores.

A metodologia incluiu momentos expositivos e interativos, abordando a fisiologia da dor, a reflexão a partir de situações-problema, troca de experiências e avaliação final da atividade por instrumento estruturado. Os resultados evidenciaram relatos de maior preparo para intervenções não farmacológicas após a oficina e intenção de aplicar as estratégias discutidas na prática, com destaque para técnicas como brinquedoterapia, termoterapia, crioterapia e distração. As limitações identificadas foram relacionadas à sobrecarga de trabalho e restrições de tempo. Conclui-se que a atividade contribuiu para qualificar a assistência de enfermagem e promover práticas mais humanizadas no cuidado à criança.

Palavras-chave: intervenções não farmacológicas; oficina; dor infantil; enfermagem pediátrica.

¹ Estudante do curso Bacharelado em Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina.

² Estudante do curso Bacharelado em Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina.

³ Estudante do curso Bacharelado em Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina.

⁴ Estudante do curso Bacharelado em Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina.

⁵ Estudante do curso Bacharelado em Enfermagem do Instituto Federal de Santa Catarina.

Introdução:

O manejo inadequado da dor pode gerar consequências a longo prazo, incluindo recusa em cuidados de saúde, como aplicações de insulina e tratamentos odontológicos (McLenon *and* Rogers, 2019; Oluc; Arslan, 2024). Além disso, estima-se que entre 20% e 50% dos adolescentes apresentem medo ou fobia relacionada a agulhas, podendo ocorrer, em casos mais graves, episódios de síncope vasovagal (McLenon and Rogers, 2019; Cohen *et al.*, 2021).

Na infância, experiências dolorosas repetidas podem provocar a sensação de perda de controle sobre o próprio corpo e saúde, sendo vivenciada como mais traumática do que a própria condição clínica que motivou a hospitalização (Cohen *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, é fundamental conscientizar a equipe de enfermagem quanto à importância do controle adequado da dor durante procedimentos na população pediátrica. Profissionais conscientes dos impactos físicos e emocionais tendem a planejar intervenções mais seguras, humanizadas e baseadas em evidências. Dessa forma, contribuem para a redução do sofrimento e prevenção de medos futuros. Nesse ínterim, a capacitação contínua e a reflexão crítica sobre estratégias de alívio da dor configuram-se como elementos essenciais para a qualificação da assistência.

Este trabalho tem como objetivo promover o reconhecimento e a redução da dor em crianças submetidas a alguma abordagem. Como objetivos específicos: sensibilizar os profissionais sobre o uso de tecnologias e recursos de distração como métodos não farmacológicos de alívio da dor e incentivar sua incorporação nas rotinas de cuidado. Este projeto constituirá uma devolutiva à unidade de saúde acerca dos pontos levantados anteriormente, propondo ações resolutivas e educativas. Ressalta-se que a atividade integra a extensão curricularizada da 7ª fase do curso Bacharelado em Enfermagem.

Fundamentação teórica:

A dor é multidimensional, exigindo uma abordagem holística. Terapias não farmacológicas funcionam muito bem em crianças devido seu caráter lúdico e capacidade de imaginação das mesmas (Cohen, 2021). Segundo a International Association for Study of Pain (IASP), dor é definida como “uma experiência sensorial e emocional desagradável

associada a, ou assemelhando-se àquela associada a, dano real ou potencial nos tecidos” (Raja *et al.*, 2021, p.1).

A IASP complementa que a dor é uma experiência pessoal subjetiva que sofre influência de elementos biológicos, psicológicos e sociais. Sua interpretação varia de acordo com as vivências pessoais, e geralmente possui caráter adaptativo (Raja *et al.*, 2021).

Para a realização segura de procedimentos dolorosos, recomenda-se a utilização de estratégias farmacológicas associadas a abordagens não farmacológicas, com o objetivo de minimizar a dor e prevenir o desenvolvimento de fobias e memórias traumáticas (Cohen *et al.*, 2021).

Além disso, o uso dessas estratégias fortalece a autonomia da enfermagem, permitindo a tomada de decisões independentes e a adaptação das práticas conforme as necessidades individuais das crianças, promovendo maior controle sobre o cuidado prestado (Rocha *et al.*, 2023).

Procedimentos metodológicos:

Reunimo-nos em três encontros nos dias 7, 14 e 23 de abril de 2026 em uma sala reservada para capacitações no Hospital Infantil Dr. Jeser Amarante Farias em Joinville, Santa Catarina. Os grupos eram compostos por enfermeiros e técnicos de enfermagem de diferentes setores da instituição. Todos os profissionais presentes foram convidados a participar da atividade de forma voluntária e conforme disponibilidade. A orientação foi organizada em três momentos distintos, com cerca de 10 minutos destinados a cada etapa, tiveram total de aproximadamente 30 minutos.

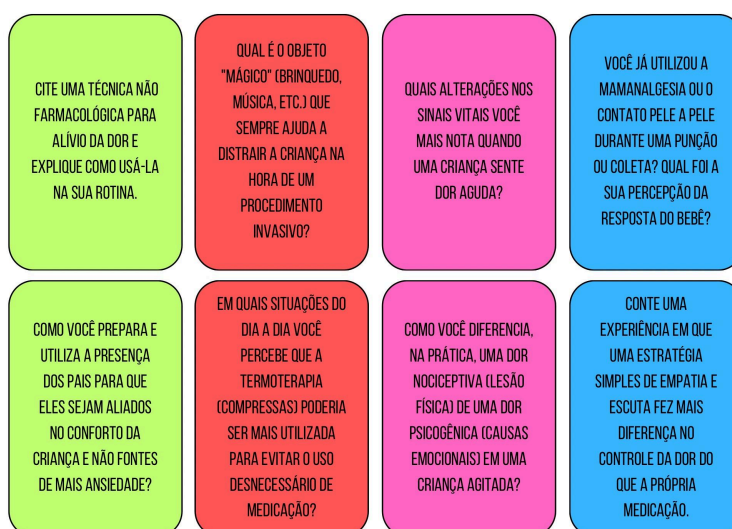
Primeiramente, abordamos a fisiologia da dor e o seu impacto nos primeiros anos de vida. Em seguida, os participantes foram convidados a selecionar aleatoriamente um dos cartões elaborados previamente, contendo perguntas relacionadas ao tema (Figura 1) e respondessem as questões de acordo com as experiências vivenciadas na instituição, de modo a criar uma roda de conversa entre estudantes e profissionais da saúde.

Em sequência, apresentamos os métodos não farmacológicos para alívio da dor e explicamos os motivos da eficácia destes. Foram apresentados os seguintes objetos: brinquedo terapêutico (Figura 2), óculos de realidade virtual (Figura 2), gelo em gel

(Figura 2) e um dispositivo vibratório em formato de abelha (Figura 2). Os materiais puderam ser manuseados por todos os profissionais e as dúvidas sanadas tanto pelos acadêmicos quanto pela docente.

Ademais, apresentamos o *folder* impresso (Figura 6) a fim de transcender a informação para além dos 30 minutos. Tal material foi distribuído em formato digital através do Código QR (*Quick Response*) fixado junto a um brinde simbólico (Figura 7). Por fim, distribuímos o instrumento de avaliação da oficina (Figura 7) para quantificar e identificar os profissionais participantes e qualificar a sensibilização desenvolvida.

Figura 1 – Cartões com perguntas.



Fonte: Os autores (2026).

Figura 2 – Recursos utilizados na oficina: a) Brinquedo terapêutico; b) Óculos de realidade virtual; c) Gelo em gel; d) Dispositivo vibratório em formato de abelha.





Fonte: a) Barroso *et al*, 2020 p.3; b) Amazon, 2024; c) Amazon, 2020; d) Buzz Brasil, 2026.

Figura 6 – Folder.





Fonte: Os autores (2026).

Figura 7 – a) Código QR fixado ao brinde simbólico e b) Instrumento de avaliação da oficina.



Fonte: Os autores (2026).

Resultados e discussões

Participaram da oficina 43 profissionais da enfermagem de diversos setores do hospital (Agência Transfusional, Centro Cirúrgico/Hemodinâmica, Pronto-Socorro, Unidade de Saúde Mental, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica e demais unidades de internação).

A análise dos dados demonstra que, na pergunta um do instrumento de avaliação (Após a participação na oficina, você se sente mais preparado(a) para utilizar métodos não farmacológicos no manejo da dor em crianças?), 100% dos profissionais se sentem mais preparados para utilizar os métodos. Esse resultado evidencia o impacto positivo da sensibilização na ampliação do conhecimento dos profissionais acerca do manejo da dor em crianças e reforça a relevância das ações de educação continuada no contexto assistencial.

Na segunda pergunta (Você pretende aplicar alguma das estratégias apresentadas na sua prática profissional? Se sim, qual?), 100% dos profissionais pretendem aplicar alguma das ações propostas. As respostas sugerem que práticas simples e acessíveis nem sempre são incorporadas à rotina profissional devido ao desconhecimento da técnica e da eficácia dos métodos.

As discussões, por fim, apontaram a necessidade de adaptação das estratégias conforme o setor aplicado, a situação clínica dos pacientes e a demanda assistencial e, embora observados resultados positivos de adesão, levantaram-se limitações para aplicação dos métodos como a sobrecarga de trabalho, limitação de tempo e falta de recursos financeiros para adquirir os materiais necessários.

Considerações finais

Os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que foram discutidos diferentes opções de intervenções não farmacológicas em cenários distintos, levantaram-se alternativas acessíveis, eficazes e possíveis de aplicar na prática e trocaram-se vivências e informações relevantes entre acadêmicos e profissionais. Nesse sentido, como

principais alcances, observaram-se maior valorização do cuidado centrado na criança e incentivo à condutas humanizadas nos serviços. Como perspectivas futuras, vislumbra-se a ampliação de ações educativas permanentes, a elaboração de protocolos institucionais para manejo da dor infantil e o fortalecimento de estratégias que integrem ensino e assistência.

Referências:

AMAZON. **Gelo Rígido Reutilizável 200ml**. 2024. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B0CZSG283F>. Acesso em: 2 maio 2026.

AMAZON. **Óculos Realidade Virtual 3D VR Box**. [2020?]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B0872HK72X>. Acesso em: 2 maio 2026.

BARROSO, M. C. C. S. *et al.* Children's perception of venipuncture through therapeutic toy. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, e-APE20180296, mar. 2020.

BUZZY BRASIL. **Buzzy Mini Healthcare Abelha**. [2026?]. Disponível em: <https://buzzy4shots.com.br/products/buzzy-mini-healthcare-abelha>. Acesso em: 2 maio 2026.

COHEN, L. *et al.* **The development of central nociceptive processing and descending modulation of pain**. [S. l.: s. n.], 2021.

MCLENON, J.; ROGERS, M. A. M. The fear of needles: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Advanced Nursing**, v. 75, n. 1, p. 30-42, 2019.

NICKEL, B. *et al.* Infusion Therapy Standards of Practice Reviewers. **Journal of Infusion Nursing**, v. 47, n. 1S, 2024.

OLUC, N.; TAS ARSLAN, F. The effect of two different methods on reducing the pain and fear during phlebotomy to children. **International Emergency Nursing**, v. 73, 101419, 2024.

RAJA, S. *et al.* The Revised IASP definition of pain: concepts, challenges, and compromises. **Pain**, v. 161, n. 9, p. 1976-1982, 2021.

ROCHA, P. K. *et al.* O uso da realidade virtual no cuidado de enfermagem à criança e à família. In: MANDETTA, M. A. *et al.* (org.). **Brincar e o brinquedo terapêutico na assistência de enfermagem à criança e família**. São Paulo: SOBEP, 2023. p. 472-483.